A imigração portuguesa para São Paulo: trajetória e perspectivas

Maria Izilda Santos de Matos [1]

> Não se habita impunemente em outro país, não se vive no seio de uma outra sociedade, de uma outra economia em um outro mundo, em suma, sem que algo permaneça desta presença, sem que se sofra mais ou menos intensa e profundamente, conforme as modalidades de contato, os domínios, as experiências e as sensibilidades individuais, por vezes, mesmo não se dando conta delas e, outras vezes, estando plenamente consciente dos efeitos.[2]

As recentes projeções sobre os fenômenos migratórios vislumbram o estabelecimento de uma nova ordem demográfica. Não se pode prever todo o seu desencadeamento e amplitude, mas projetam-se vetores de deslocamentos e pólos de atração. Fronteiras foram abertas para a livre circulação de mercadorias, capitais, informações e não podem ser fechadas para as pessoas.

A América, em particular o Brasil, que foi pólo de atração de e-imigrantes, chega ao novo milênio em outra posição. Como tudo que desempenha a função de revelação dos conflitos e crises por que passam certas áreas, as migrações internacionais também criam oportunidades de reavivar as questões em torno do tema e recuperar sua trajetória na história.

A produção sobre a imigração é ampla, diversificada e vem sendo enriquecida por abordagens que analisam aspectos diferenciados da questão, assim, pode ser considerada como privilegiada pela produção historiográfica. A imigração ibérica tem instigado pesquisadores, sendo que a maior parte das pesquisas focaliza o Rio de Janeiro, onde sem dúvida a presença dos portugueses foi numericamente significativa e marcante.

---

[1]MARIA IZILDA SANTOS DE MATOS. Professora titular da Faculdade de Ciências Sociais da PUC/SP. Entre suas obras destacam-se: Trama e poder. RJ, 7 Letras, 5. Ed., 2002; Cotidiano e Cultura, SP, EDUSC, 2002, Meu lar é o botequim, SP, Cia Editora Nacional, 2 ed., 2003.

[2] Sayad, A O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante, Travessia – Revista do Migrante, SP, v. 13, jan/2000, p.14.

Na ampla produção historiográfica sobre imigração em São Paulo percebe-se o enfoque privilegiado de certos grupos, em particular os italianos e japoneses, de modo que são poucos os trabalhos sobre os portugueses, sua vida cotidiana e sua atuação no mundo do trabalho. Só mais recentemente que apareceram trabalhos que investigam os portugueses, sob diferentes óticas e perspectivas, buscando ultrapassando as interpretações centradas nas referências expulsão-atração que sustentaram as interpretações econômico-demográficas. Essas novas abordagens passaram a focalizar as relações culturais, os vínculos estabelecidos, as redes de sustentação nos países de saída e de acolhimento, os sonhos e expectativas construídos nesses processos.

A Cidade do Café e dos Imigrantes

A expansão da economia cafeeira pela Província/Estado de São Paulo gerou uma ampla demanda de trabalho que coincidiu com o momento em que a crise do escravismo já se manifestava. Gradativamente, a elite agrária conseguiu impor sua proposta para a questão da mão-de-obra - uma política imigrantista em massa, contínua e subvencionada pelo governo.

A ascensão de São Paulo à posição de metrópole regional, dinâmico centro econômico e político provocaram transformações demográficas e sociais em curto espaço de tempo e em ritmo acelerado. Em 1872, quando a cidade já sofria as conseqüências do surto cafeeiro, a população de na cidade era de 31.385 pessoas, em 1890, atingiu os 64.934 habitantes, já no início do século XX (em 1908) eram 270.000 habitantes; em 1920, a população mais do que dobrou, atingindo a cifra de 579.033 pessoas e em 1940 saltou para 1.326.261.[3]

O antigo "burgo dos estudantes", aonde o ritmo de transformações era lento e o espaço quase estático, passava por um processo de urbanização acelerada, consolidando-se como centro capitalista, integrador regional, mercado distribuidor e receptor de produtos e serviços. A política desencadeada pela cafeicultura, estimulando e promovendo intensamente a imigração, em proporções bem superiores às possibilidades de emprego no campo, favorecia o crescimento da população urbana, que sofreu uma

---

[3]. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Recenseamento do Brasil, 1920, Synopse do Recenseamento. Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1926.

verdadeira metamorfose com a presença acentuada de imigrantes. Novos territórios[4] se constituíam e passaram a receber as marcas dos grupos que ali se instalaram: os italianos no Bexiga, os japoneses na Liberdade, no Bom Retiro - os judeus; na Vinte e Cinco de Março - os sírio-libaneses, os portugueses em Santana e no Sumaré e distribuídos em toda a cidade, mais ocultos os redutos dos negros na Barra Funda e Casa Verde.

Imigrantes Portugueses

Apesar da origem rural da maioria dos portugueses que emigraram, eles procuraram evitar o trabalho no campo e tenderam a se concentrar nas cidades, tendo em São Paulo um pólo de atração. Alguns vieram diretamente para a cidade, talvez previamente informados sobre as condições de trabalho na zona rural, e outros após uma rápida passagem pela lavoura, migravam à procura de melhores perspectivas de ganho, novas oportunidades abertas pelo intenso florescimento da Capital.

A emigração portuguesa foi a princípio prioritariamente masculina, mas o contingente feminino cresceu gradativamente, podendo-se verificar um aumento no número de mulheres casadas, ampliando a emigração familiar de acordo com a política definida pelos cafeicultores paulistas. Entre 1910 e 1914, anos de aumento considerável da imigração lusitana para São Paulo, embora o número de homens tivesse subido, o de mulheres mais que duplicou. Na primeira década do século XX a porcentagem de mulheres já alcançava mais de 25% do total de entradas e já no início da segunda oscilou entre 35% e 40%. Assim a imigração caracterizada até então como individual, masculina e temporária, tornava-se tendencialmente familiar e permanente.

Contudo as práticas dos homens chegarem primeiro, vindo na procura de resolver problemas que deixavam em Portugal, dívidas, por exemplo, visando criar condições posteriores para chamar os familiares ou retornar, pode ser identificada como uma prática preventiva, para a hipótese de fracasso e/ou uma estratégia para enfrentar o desconhecido.

---

[4] Deve-se destacar a noção de territorialidade, identificando o espaço enquanto experiência individual e coletiva, onde a rua, a praça, a praia, o bairro, os percursos estão plenos de lembranças, experiências e memórias. Espaços que, além de sua existência material, são também codificados por todo um conjunto de representações, numa dinâmica de múltiplos processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. ROLNIK, Raquel. "História Urbana: História na Cidade". In FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio, Cidade e História: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX. Salvador: Faculdade de Arquitetura, 1992).

> Cabe destacar que não houve um único padrão de deslocamento dos grupos familiares, muitos imigrantes eram chefes de família, vieram bem antes de seus familiares que ficaram aguardando em Portugal; outros vieram ainda quando crianças ou jovens, sem a família nuclear; em outros casos, a família nuclear veio junta, e, mas em alguns deles não permaneceram unidas no novo contexto ou nunca se encontraram e/ou não voltaram a se constituir[5].

Gerando toda uma complexidade de situações vivenciadas: os deslocamentos, os diferentes projetos familiares e as estratégias para concretiza-los, numa trama de valores envolvendo escolhas, re-orientações, conflitos familiares, geracionais, de gênero, provocando exploração, rompimentos, tensões, mas também solidariedades, laços de conterraneidade e afetividades.

A imigração portuguesa para São Paulo foi um processo contínuo, mas envolveu experiências múltiplas e diversificadas, necessitando-se um recorte cronológico amplo, para se captar as diferentes levas de e-imigração, rastreando os portugueses (diferentes regiões do país do continente e das ilhas), os que vieram subsidiados, por conta própria, alguns que chegaram no início do processo de imigração (nos anos finais do século XIX e nos inícios do XX), outros logo após a 1. Grande Guerra e também os que vieram devido as tensões durante o governo de Salazar.

Na "sociedade de acolhimento", os portugueses procuraram possibilidades de arranjar emprego nas atividades urbanas fabris, setor de serviços, obras públicas e particulares e também em ocupações informais. Enfrentando as dificuldades do cotidiano em São Paulo que, apesar do intenso crescimento, tinha uma significativa concentração de trabalhadores - homens e mulheres pobres, imigrantes e nacionais, brancos e negros - que excedia largamente as necessidades do mercado, aviltava os salários, criando formas múltiplas de atividades temporárias e domiciliares, subemprego e emprego flutuante e ampliando uma população que garantia a sua sobrevivência na base das ocupações casuais, expedientes variados, eventuais e incertos, desenvolvendo experiências cumulativas de improvisação.[6]

---

5 Demartini, Zeila Brito Fabri. Imigração, Família e Educação, V Congresso Luso-brasileiro de História da Educação, Évora, 2003, p. 3.

6 Matos, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e Cultura. SP, EDUSC, 2002.

Documentação

As fontes de pesquisa não se resumem ao que está guardado ou arquivado e, sim, ao que está silenciado ou em esquecimento, ocultado. Assim, essa pesquisa sobre a imigração portuguesa se propõem à incorporar um amplo e variado corpo documental, incluindo a legislação no Brasil e em Portugal, fontes de imigração (passaporte, contratos de trabalho, listas de vapores, etc), documentação oficial, cartorial e censos, fontes policiais (ocorrências, processos), também processos-crime, fontes patronais. Além de provérbios, literatura, cronistas, memorialistas, correspondências, memórias, manifestos, diários, materiais iconográficos. Os jornais brasileiros e portugueses (jornais de associações, diários, operários), a documentação das associações (comerciais, mutualistas, beneficiências, dos grupos regionais).

Com destaque para a história oral, pretende-se realizar a pesquisa com imigrantes (homens e mulheres), de diferentes gerações (preferencialmente da mesma família) e que exerceram diferentes atividades, procurando recuperar suas memórias, sua experiência, as memórias sobre a cidade, rastreando particularmente as experiências femininas.

Na trama do cotidiano

Em Portugal circulavam muitas histórias de sucesso, que eram contadas e recontadas. Muitos retornados, outros em visitas ocasionais, ou através de cartas enviadas construíram e reforçavam as narrativas, constituindo uma verdadeira mitologia da imigração, que alimentava o sonho de emigrar, os projetos com novos horizontes, nela o sucesso eventual, tornou-se modelo das possibilidades abertas e das aspirações.

A trajetória histórica de homens e mulheres portugueses uma heterogeneidade de atividades, alguns conseguiram rendas relativas, com possibilidade de ascensão social, outros se mantiveram miseráveis, sobreviveram através de estratégia e improvisações cotidianas. Os imigrantes portugueses identificaram as possibilidades do sonho, para tanto construíram suportes, redes de informações e saberes, enfrentaram o trabalho árduo, aceitavam a exploração e as relações estabelecidas.

Numa experiência histórica em que o trabalho foi elemento estratégico, os imigrantes portugueses dotaram de um novo sentido o ato de trabalhar. Sob certa perspectiva, o trabalho ajudava a superar o medo do novo e a insegurança do desconhecido, ele unifica, qualifica e surge como o elemento capaz de lhes conferir coerência e sentido, construindo laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência.

A imagem dos portugueses foi de trabalhadores incansáveis, econômicos, com intensa disposição no intuito de fazer fortuna, investindo economias e adiando os prazeres imediatos como meio de melhorar sua situação e/ou retornar à terra natal, eles eram vistos como capazes de suportar as dificuldades, e com extremo despojamento entregar-se ao trabalho de corpo e alma.

Eles se auto-identificavam como trabalhadores, honestos e poupadores. O trabalho perpassava a vida de homens e mulheres de origem portuguesa; junto com a família e a religião, se tornou fator de sociabilização e solidariedade dentro do grupo. Através do trabalho e de suas relações se manifestava claramente amizade e apoio, lealdade e afabilidade entre os recém-chegados, crianças e adultos, mas também exploração e abusos.

Nos depoimentos, além do trabalho e cotidiano árduo, emergem as expectativas, sonhos, desalentos e frustrações, as histórias de vida destacam os medos, o enfrentamento do desconhecido, as saudades da família e da terra, a solidão de além-mar. Essas sensibilidades contribuíram para a construção de uma visão idílica da terra natal, convivendo em tensão com a consciência das dificuldades políticas, sociais e econômicas concretas na terra. Desenvolveram estrategicamente sentimentos de duplo pertencimento, ao mesmo tempo em que estavam "nem lá nem cá" – o sentimento angustiante de estar entre dois mundos, não pertencer mais ao país de origem, nem à "sociedade de acolhimento".

Vivenciando a dura realidade envolta na integração e conflito, mesmo frente à idéia corrente de que o português se desnacionalizava na segunda geração, relacionavam-se de forma ambígua com os nacionais: paralelamente aos argumentos de pacífica e cordial relação, sob a alegação de passado histórico, cultura e língua em comum, procuravam apagar o estatuto de estrangeiros, enfrentavam ataques, carregavam o ônus de ex-colonizadores, num contexto de desapontamento, desapreço, hostilidade, gerando uma hetero-representação negativa.

O antilusitanismo se constitui como elemento de construção da identidade contrastiva (identidade e diferenciação)[7], frente a outros imigrantes e aos nacionais, presente nas memórias de um descendente

7 Identidade é móvel, varia de acordo com posição que as pessoas assumem no grupo e que se conforma a partir da relação entre experiências, conflitos e contradições.

> Eu lembro quando eu era moleque, quem dominava aqui era a colônia italiana, então os portugueses eram muito mal tratados... eu lembro quando eu ia na escola tinha 7 de setembro, dia da bandeira, tudo que falasse da pátria, falar mal dela era falar mal do português, tanto que quando eu andava na escola às vezes... eu não dizia que era português que a turma né... eu sou brasileiro, que falava que era brasileiro, se eu falasse que era português achincalhavam: "português burro", "português bacalhau", saia tudo quando era nome. A colônia italiana era a maior. [8]

Ele precisou aprender na prática cotidiana a ser português no Brasil, buscando elementos para compor essa identidade, o ser português se estruturou na diferenciação em relação aos brasileiros e a outras nacionalidades.

Em correspondência ao antilusitanismo desenvolveu-se entre os imigrantes um sentimento de hostilidade muitas vezes manifesto através de conflitos e tensões, mas principalmente através da auto-representação como elementos civilizadores, adotando atitude altamente crítica para com os nacionais, que eram identificados pelo conformismo, acomodação e falta de esforço, pouca propensão para o trabalho.

8 Demartini, op.cit.